

## SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO PRETA: ORIGENS E BUSCA DE POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Rogério Lazur

---

*“Negro drama...Cabelo crespo e a pele escura, a ferida, a chaga, à procura da cura”...*

Me permito aqui iniciar este artigo com este brevíssimo trecho de uma das letras mais icônicas do quarteto de Rap mais bombástico do Brasil, os Racionais MCs. De fato, a procura da cura vem acompanhando a cultura preta brasileira desde os tempos da diáspora africana, durante a era colonial. Apesar da escravização de milhões de pretos e pretas por todos os rincões deste Brasil, devemos nos lembrar de que, anterior a esse período nefasto e nauseabundo, haviam reinos negros em África e, portanto, éramos filhos de reis e rainhas espalhados por um vasto continente além-mar, com língua e cultura próprias. Este capítulo da história de nossa tão afamada “sociedade moderna” ainda traz marcas profundas até mesmo para a nossa contemporaneidade. Imaginemos uma tábua de madeira em perfeitas condições. Uma vez em mãos, você recebe a ordem de pregar um prego por dia durante 365 dias ininterruptos. Passados 12 meses, a ordem é para que todos os pregos sejam retirados. A tábua ainda existe, assim como as marcas profundas de todos os 365 pregos.

Esta grotesca analogia simboliza as marcas profundas carregadas pela população preta brasileira há mais de 4 séculos. Nossos ancestrais foram sequestrados em suas terras, arrastados até os portos negreiros, conduzidos a contragosto em navios tumbeiros (ou negreiros). Muitos não resistiam e ficavam doentes, consequentemente tornando-se “mercadoria inválida” para os traficantes negreiros e eram jogados ao mar, onde famintos tubarões já os esperavam... Os mais fortes, ainda que acorrentados e vivendo em condições sub humanas, conseguiam alcançar os portos de destino, como o Cais do Valongo, na Cidade do Rio de Janeiro. Lá, mais uma vez, eram tratados como mercadoria alfandegária, eram submetidos a quarentenas até o dia do grande leilão em praça pública, tinham seus corpos lustrados com sebo de porco para que pudessem luzir aos olhos dos possíveis novos donatários e assim, dando início a outra jornada: a viagem para outros sertões do país, como o interior de MG, por exemplo, caminhando cerca de 500 km a pé, tendo pescoço, mãos e pés acorrentados, debaixo de sol e chuva.

---

Ativista negro, diretor e apresentador do canal MINAS NEGRAS GERAIS, no Youtube™. Professor de idiomas e tradutor. Endereço eletrônico: minasnegrasgerais@gmail.com

Voltando para nossos dias atuais, a população negra ainda encontra obstáculos ainda enraizados em um racismo estrutural sem precedentes. Segundo Gabriella da Cruz Santos e Ellen Cristina Ricci, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), *“É importante destacar que existe uma peculiaridade em ser negro no Brasil. Vivemos em um país em que, apesar de sua maioria ser constituída por pessoas negras e/ou miscigenadas, não se reconhece a existência do racismo. Ou, quando é feito, é um racismo sem racistas, sempre questionando a necessidade de se discutir a respeito”*. Ainda acrescentam que *“No Brasil não existem dados precisos sobre a prevalência dos transtornos mentais na população negra. Embora hoje possa ser observada a presença do quesito raça/cor em vários sistemas nacionais de informação em saúde, a análise desses dados ainda é incompleta”*. Por sua vez, Silva ainda nos acrescenta *“é notável o aumento da exposição ao sofrimento psíquico que a população negra sofre devido à reestruturação do setor produtivo e à consequente diminuição do emprego, às precárias condições de vida, à discriminação racial, entre outros fatores, que podem gerar manifestações como ansiedade, ataques de pânico, depressão, ataques de raiva violenta e aparentemente não provocada, depressão, hipertensão arterial, úlcera gástrica, alcoolismo, entre outras”*.

Estes fatos vêm se corroborando cada vez mais, sobretudo nos últimos seis anos, uma vez que o país esteve nas mãos de governantes que não tinham nenhum princípio nem tampouco compromisso com a cidadania. O que se esperar de um chefe do poder executivo que mede o corpo negro por “arrobos”? Segundo Costa e Assis (2015), em “Reflexões epistêmicas sobre a Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental, *“O racismo estruturado nas relações sociais faz isto: tende a anular qualquer potência do sujeito negro sobre sua existência real, sua ancestralidade, sobre sua criatividade de existir, sentir prazer e legitimar sua identidade racial”*.

Ainda nesta linha de pensamento, diz C.F.P. que *“a elite nacional buscou continuar a dominar psiquicamente o negro. Era preciso que o negro se embranquecesse no corpo e na mente. Esse processo era muito mais do que a necessidade de se criar biologicamente interme-diários entre pretos e brancos – os pardos; significava mudanças comportamentais e culturais por parte dos negros, a fim de adotar normas, atitudes e valores associados ao universo branco com o intuito de ser reconhecido como tendo uma identidade racial positiva”*.

## DISCUSSÃO

É de suma importância ressaltar a necessidade da implementação de políticas públicas que possibilitem a criação e sustentação de programas terapêuticos para a população negra. É mais ainda, profissionais negros que atendam a uma população negra, por questões de identidade e representatividade étnico-racial.

Segundo explica Igor Leonardo, cofundador da AfroSaúde, uma startup cujo objetivo é diminuir a distância entre profissionais de saúde negros e pacientes, *“Profissionais negros existem, mas são invisibilizados no mercado de trabalho”*. E acrescenta, *“Quando a gente chega em um hospital, encontramos muitos negros, mas raramente ocupando cargos de*

*liderança. Se você buscar um médico em plataformas online, a maioria dos resultados será de médicos brancos. Tanto na assistência privada quanto na pública, os profissionais negros enfrentam muitos obstáculos, o que se reflete na dificuldade em encontrá-los”, afirma. De acordo com Igor, “há resistência da população em reconhecer e até mesmo aceitar que aquela pessoa negra de jaleco é um profissional da saúde. Os pacientes acham que é um técnico, um atendente ou um estagiário, mas nunca o médico responsável pela assistência”.*

Dados apontam que, no país, o suicídio é a terceira principal causa externa de mortes. Uma pesquisa do Ministério da Saúde, publicada em 2018, revelou que jovens negros do sexo masculino e idades entre 10 e 29 anos são os que encaram o maior risco de morrer por suicídio. A probabilidade de suicídio nesse grupo é 45% maior do que entre jovens brancos na mesma faixa etária. Sabemos que esse risco maior está relacionado ao sofrimento psíquico causado pelo racismo estrutural. Ele reforça a necessidade de discutirmos os efeitos do racismo na saúde mental da população negra. Inclusive porque o suicídio é a ponta do iceberg. Ainda segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), *“o Brasil é o país com a maior prevalência de ansiedade no mundo e o número 2 nas Américas quando o tema é depressão. O racismo também influencia esses rankings. Situações de discriminação, sejam elas explícitas sejam sutis, produzem estresse e traumas. E esses traumas, acumulados ou vivenciados de maneira mais intensa, podem desencadear, no longo prazo, transtornos psicológicos”.*

Um outro aspecto de altíssima relevância a ser abordado tem relação com o papel social dos terreiros de religiões de matrizes africanas espalhados pelos quatro cantos do Brasil. Dentre as várias vertentes, a Umbanda e o Candomblé vêm fazendo um trabalho de excelência juntamente com uma considerável parcela da população de baixa renda, sobretudo a população negra, que, segundo dados do IBGE, ultrapassa a metade da população brasileira.

Em sua tese *“Macumbizando a Psicologia: o que as religiões de matriz africana têm a transmitir à Psicologia (2021)”*, a psicóloga Marina Dal Magro Medeiros, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos apresenta algumas definições acerca desse trabalho realizado pelos terreiros. Marina diz que *“O diferencial em relação a alguns dos templos tradicionais, é que não se vai ao terreiro para confessar suas culpas e pedir perdão a Deus. Lá se vai para receber acolhimento, partilhar suas culpas, alegrias, dúvidas e problemas com seres superiores e receber um afago, um afeto, um conselho de quem se encontra em um patamar espiritual elevado e das divindades. Marina afirma ainda que “O terreiro muitas vezes representa o único lugar de acolhimento e afeto para pessoas tratadas com indiferença e excluídas pela sociedade.” Segundo Alves & Seminotti (2009), “a aproximação desses espaços religiosos como campos de acolhimento emocional e de transmissão de práticas de cura e de saúde já vêm sendo apontados na literatura especializada, que destaca a Umbanda como uma religião ligada ao assistencialismo e à solidariedade como uma de suas marcas constitutivas. E complementa ainda que “Embora haja um leque variado de expressão dessa religião em festas e demais rituais, um dos seus principais pilares é a caridade, representada pelos atendimentos espirituais ofertados aos consulentes por meio de médiuns que incorporam espíritos (como pretos-velhos, caboclos,*

*baianos, exus e pombagiras) a partir do transe de possessão. Fabio Scorsolini-Comin, em seu artigo “Atenção psicológica e umbanda: Experiência de cuidado e acolhimento em saúde mental (2014), complementa esta ideia, afirmando que “a etnopsicologia destaca a necessidade de se compreender como determinadas práticas culturais são construídas, transmitidas e perpetuadas no psiquismo de seus membros, sendo que a ciência psicológica deve sempre conhecer a fundo as regularidades sociais, as formas de socialização, cuidado e transmissão de saberes em cada comunidade para que possa tecer conclusões que justamente incorporem esses elementos na compreensão de uma dada comunidade ou de um grupo de pessoas”.*

Concluindo, apesar de inúmeros livros e artigos sobre a questão da saúde mental da população preta e os estudos de suas origens, a maioria da população, que é afro brasileira ainda é marginalizada e posta à prova até os dias atuais, em atos oriundos do racismo estrutural e institucional entranhado em todos os pilares de nossa sociedade. Contudo, é notória a ascensão (mesmo que a passos lentos) de formas de expressão da população preta, seja na política, na cultura e na área da saúde, com o objetivo da ocupação de todos os lugares, já garantidos pela Constituição Brasileira, em conjunto com a Declaração dos Direitos Humanos. Faz-se mister a criação de políticas públicas que garantam o bem-estar de nosso povo preto, que por motivos óbvios, ainda é carente de cuidado e atenção especializados.

Ser preto no Brasil é uma missão de fé. E a fé necessita de mente sadia.

## REFERÊNCIAS

REVISTA DE PSICOLOGIA DA UNESP, 19 (especial), 2020.

SITE AFROSAÚDE: <https://afrosaude.com.br/home>

MEDEIROS, Marina dal Magro. **Macumbizando a Psicologia: o que as religiões de matriz africana têm a transmitir à Psicologia**, 2021.

COMIN, Fabio Scorsolini. 2014, **Atenção psicológica e umbanda: experiência de cuidado e acolhimento em saúde mental**. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2014.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution Non Commercial No Derivative* (CC BY-NC-ND), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais, sem alterações e que o trabalho original seja corretamente citado.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>